

EM BUSCA DA VERDADE: A PRESENÇA DOS PRINCÍPIOS DA LÓGICA CLÁSSICA NOS SOLILÓQUIOS DE AGOSTINHO

SEARCH FOR TRUTH: THE PRESENCE OF THE PRINCIPLES OF LOGIC CLASSICAL IN SOLILOQUIES AUGUSTINE

Clodoaldo da Luz¹

Resumo: O objetivo deste artigo é investigar a incidência dos princípios da lógica clássica na obra *Solilóquios*, redigida por Agostinho. Tendo a ciência de que, em Agostinho, Filosofia e vida se dialogam intrinsecamente, primeiramente, serão apresentados alguns fatos da vida de Agostinho que testemunham o seu fito de contemplar a verdade como guia para sua elucubração filosófica. Depois, em um segundo momento, serão refletidas a gênese, a estrutura e a importância que perfazem os *Solilóquios* de Agostinho. E por fim, será tecida uma análise sobre o uso dos princípios da lógica clássica nessa obra agostiniana.

Palavras-chave: Agostinho. Verdade. Princípios. Lógica. Clássica.

Abstract: The aim of this article is to investigate the incidence of classical logic principles in the work *Soliloquies*, written by Augustine. Knowing that, in Augustine, Philosophy and Life are intrinsically dialoguing, firstly, some facts of Augustine's life will be presented that testify to his purpose of contemplating the truth as a guide for his philosophical elucubration. Then, in a second moment, the genesis, structure and importance that make up the *Soliloquies* of Augustine will be reflected. And finally, an analysis will be made on the use of the principles of classical logic in this Augustinian work.

Keywords: Augustine. Truth. Principles. Logic. Classical.

Introdução

O fascínio do homem pela realidade circundante despertou no seu coração a inclinação que dormitava em seu peito: o ímpeto da busca da verdade. O encantamento pelo seu entorno e por si, incluso no anseio da contemplação da verdade, ensejou a análise filosófica da realidade, norteadada pela explicação radical, metódica e global.

O desejo de encontrar a verdade pelo viés filosófico pressupõe a criação e inclusão de uma metodologia embasada na racionalidade, por meio da qual se deu a gênese de elementos capazes de apontar assertivas concernentes e profícuas a esta empreitada sob o uso do discurso racional. No transcorrer do debate filosófico eles surgiram e se fizeram

¹ Doutorando e Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. E-mail: clodoaldoluz@outlook.com

presente, sobretudo na filosofia de Parmênides², contudo foram sistematizados de modo posterior na filosofia aristotélica, recebendo a designação de princípios da lógica clássica: princípio da não-contradição³, princípio de identidade⁴, e princípio do terceiro-excluído⁵.

A sua eficácia fora um dos legados aos filósofos de gerações posteriores, os quais fixaram o esteio de seu pensamento e elaboração filosófica nessa herança intelectual. Dentre esses herdeiros tem a figura ímpar de Agostinho, homem inquieto, desejoso da verdade: sua vida foi uma constante busca pela verdade, seu pensamento um convite ao encontro da verdade e sua obra uma seta indicativa da residência da verdade no interior humano.

Destarte, perante a inclinação, inerente ao homem, da busca da verdade e de Agostinho, também representa esse fito, será investigada a busca da verdade sob o esteio do legado filosófico clássico dos princípios da lógica clássica no *Soliloquios* de Agostinho. Deste modo, primeiramente, ser tecida uma breve exposição de alguns fatos da vida do Hiponense⁶ que enfatizam que a busca da verdade fora o norte de sua elucubração filosófica. Para depois, em um segundo momento, serem analisadas a gênese, a estrutura e a importância de sua obra *Soliloquios*. E por fim, refletir sobre a utilização dos princípios da lógica clássica nessa referida obra.

² Em Parmênides os princípios da lógica clássica assentavam a possibilidade de afirmar somente que o ser é e não-ser não-é. Aristóteles repagina, mantendo-se fiel ao cerne dos princípios inaugurados por Parmênides, nos seguintes termos: “é impossível que o mesmo atributo pertença e não pertença ao mesmo tempo ao mesmo sujeito, e na mesma medida.” (ARISTÓTELES apud FARIA apud REZENDE, 2004, p. 71). Outrossim, no Estagirita é evidenciado a formulação do princípio do terceiro excluído: “Entre os opostos contraditórios não há meio. Isto é contradição: a oposição tal que em uma ou em outra parte dela está presente a outra parte, de sorte que ela não tem um meio” (ARISTÓTELES apud ABBAGNANO, 2007, p. 1136).

³ O princípio da não-contradição concebe a impossibilidade da contradição no raciocínio: “A não é não-A, em que assim, dada sua proposição e sua negação uma delas é falsa” (Op. Cit. MORTARI, 2001, p. 353).

⁴ Pelo princípio da identidade é asseverado que “se uma proposição é verdadeira, então ela é verdadeira. Formalmente $a \rightarrow a$. Ou, numa outra versão: todo objeto é idêntico a si mesmo” (MORTARI, 2001, p. 352).

⁵ O princípio do terceiro-excluído diz “que uma proposição é verdadeira ou a negação dela é verdadeira, não havendo uma terceira possibilidade: A é A, A não é não-A, não há outra possibilidade. Ficando estabelecido que

dada uma proposição e sua negação, pelo menos uma delas é verdadeira” (Loc. cit. MORTARI, 2001, p. 353).

⁶ Este termo, também, será usado para designar Agostinho, pelo fato de que devido a sua sagração episcopal como bispo coadjutor em 395, para logo depois ocupar a cátedra de Hipona (atual Annaba, Argélia), sua figura é geralmente associada a essa localidade.

1. A busca da verdade como norte filosófico

Aurelius Augustinus, mais conhecido por Agostinho, tinha por mãe Mônica, mulher cristã, e por pai Patrício, homem pagão, nasceu em 13 de novembro de 354 em Tagaste, Numídia, e faleceu no dia 28 de agosto em de 430 na cidade de Cartago. Desde a tenra idade, ele era uma pessoa irrequieta e fascinada pelos mistérios envoltos na realidade mundana e humana.

Aspirava dentro de si a algo que ainda não sabia ao certo o que era, ansiava pelo que desconhecia conhecendo. Tal motivação o interpelava, o movia, o entusiasmava, ascendia o seu coração ao encontro do desconhecido e o acendia na viva confiança de vislumbrar a resolução de suas questões.

Nesse itinerário a leitura da obra ciceroniana *Hortensius*⁷, em 373, e a de um excerto da carta paulina aos romanos⁸, em 386, foram dois eventos essenciais para o encantamento de Agostinho pela Filosofia e a sua conversão ao Cristianismo. Esse último episódio fizera o Hiponense desistir do ofício de lecionar para se debruçar à reflexão, à oração e ao estudo sobre si e acerca de Deus no retiro em Cassiciaco⁹, em uma propriedade de Verecundo (amigo de Agostinho), a qual distava 30 quilômetros de Milão.

A estadia em Cassiciaco, de setembro de 386 a fevereiro de 387, possibilitou à Agostinho a fecunda preparação para a recepção do Sacramento do Batismo numa esfera dialogal, orante e elucidativa, na qual a sua busca pela verdade, de modo concomitante, com seus parentes e amigos resultou na assertiva da certeza da possibilidade do alcance do conhecimento, da necessidade da posse definitiva do bem que não passa, da ordem do mundo. Ademais, ofereceu ao Hiponense o encontro apurado, contextualizado, contemplativo e racionalizado consigo.

⁷ É uma obra perdida, na qual Cícero dialoga com Hortênsio, privilegiando a Filosofia frente a outras artes, sobretudo a prerrogativa da Retórica defendida por Hortênsio, e exortando a prática filosófica (Cf. Agostinho BELMONTE Apud AGOSTINHO 2008, p. 45).

⁸ Em sua obra *Confissões* Agostinho narra este episódio: “Mas ei que, que de repente, ouço da casa vizinha uma voz de menino ou menina, não sei, que cantava e repetia muitas vezes: ‘Toma e lê.’[...] Peguei-o, abri-o, e li em silêncio o primeiro capítulo que me caiu sob os olhos: ‘não caminheis em glotonerias e embriaguez, não nos prazeres impuros do leito e em leviandades, não em contendas e rixas; mas revesti-vos de nosso Senhor Jesus Cristo, e não cuideis de satisfazer os desejos da carne[...] Rom 13, 13” (Op. Cit., AGOSTINHO, 2002, p. 185).

⁹ Localidade situada “nas colinas que contornam o lago Com, nos contrafortes dos Alpes. Provavelmente, seja a atual Cassago Brianza, a 35 km de Milão, na direção de Monza” (OLIVEIRA apud AGOSTINHO, 1993, p. 8).

Durante o período em Cassiciaco, na presença de Mônica, sua mãe, de Navígio, seu irmão, de Lastidiano e Rústico, seus primos, de Alípio, Licêncio e Trigêncio, seus amigos; Agostinho, ao dialogar com seus familiares e amigos acerca da busca de contemplar a Verdade, redige as seguintes obras: *Contra Acadêmicos*¹⁰, *Vida Feliz*¹¹, *A Ordem*¹² e *Solilóquios*.

Nos colóquios, possibilitados e otimizados pelo retiro em Cassiciaco, Agostinho chega à conclusão de que a satisfação pessoal, a felicidade está na busca da verdade, conforme declara

na obra *Contra Acadêmicos* no diálogo com Licêncio: “Pois desejamos a felicidade. Quer esta consista em encontrar a verdade, quer em buscá-la diligentemente, devemos em todo caso, se quisermos ser felizes, fazer passar antes de tudo a busca da verdade” (AGOSTINHO, 2008, p. 68).

A busca pela verdade empreendida pelo Hiponense, externada em sua vida e na sua filosofia, correlacionadas e impregnadas do amálgama de progressos e regressos, vitórias e quedas, realizações e frustrações, fez com que sua influência e contributo se estendesse ao medievo, a ponto de o historiador Jacques Le Goff apontar Agostinho como “o personagem mais importante para a instalação e o desenvolvimento do Cristianismo. É o grande professor da Idade Média” (LE GOFF, 2007, p. 31). E, por sua característica de encetar o filosofar em primeira pessoa, Agostinho é considerado, por Matthews, como “o pai da moderna filosofia da religião” (MATTHEWS, 2007, p. 14).

O ímpeto de contemplar a verdade, por meio do qual tais contributos de Agostinho foram alicerçados, conduziu o Hiponense a um diálogo íntimo e significativo que principiou, ocasionou e culminou na confecção de seu livro *Solilóquios*.

2. A gênese, estrutura e relevância da obra Solilóquios

A percepção da necessidade de analisar a opção pela busca da verdade, amparada pela filosofia e pela fé, numa esfera oportunizada de reclusão interior e meditação pessoal,

¹⁰ É o primeiro diálogo filosófico que Agostinho confecciona no refúgio em Cassiciaco. Nesse livro redigido em 386, ele visa refutar a postura cética acadêmica afirmando que o homem pode almejar o conhecimento (Cf. O’ DALY Apud STUMP; KRETZMANN, 2006, p. 159).

¹¹ Nesse livro Agostinho na comemoração do seu trigésimo segundo aniversário, reunido com sua mãe, familiares e convivas, faz uma breve recapitulação de momentos importantes de sua vida. À luz de sua obra posterior *Confissões*, esse resgate biográfico de Agostinho na *Vida Feliz* pode ser apontado como ‘breves confissões’ (Cf. AGOSTINHO, 1998, p. 120-122).

¹² Numa certa madrugada, Agostinho, Licêncio e Trigêncio principiam uma discussão sobre a ordem pela qual a Providência governava tudo o que existia (Cf. AGOSTINHO, 2008, p. 164-165).

direcionou Agostinho a dialogar, no seu âmago, a sós e acompanhado com sua Razão¹³, conforme ele declara: “Como se fôssemos dois: a Razão e eu, estando eu sozinho” (AGOSTINHO, 1993, p. 117).

Sem a ajuda de um estenógrafo devido a este diálogo necessitar de uma profunda interiorização e no afã de um maior autoconhecimento:

Sim, já há muitos dias que me buscava ardentemente a mim mesmo, qual o bem a procurar e qual o mal a evitar, quando de repente escutei uma voz – não sei se de mim mesmo, se de fora - não sei se intrínseca, se extrinsecamente. Não sei. Por isso todo o meu esforço tende a perscrutá-la (Op. Cit. AGOSTINHO, 1993, p. 23).

A atitude de declinar sobre si redundou na confecção de sua obra *Solilóquios*, a qual possivelmente fora escrita no final de 386 ou no início de 387. Nessa obra, o Hiponense indaga--se a si, questionando a Razão com o intento de refletir sobre os elementos fundamentais para almejar a sabedoria e se debruçar filosoficamente sobre Deus e a alma (Cf. OLIVEIRA Apud AGOSTINHO, 1993, p. 7-13). Semelhante obra é composto por 2 livros¹⁴ intitulados respectivamente *A procura da sabedoria – Prova da Imortalidade da alma*, subdivididos em 35 capítulos, sendo 15 capítulos o primeiro livro e 20 capítulos o segundo livro, e 3 partes e 1 conclusão cada livro. Ao final do 2º livro Agostinho, ao “evocar certos problemas psicológicos conexos entre a memória, a imaginação e a razão” (Op. Cit. AGOSTINHO, 1993, p. 15) e a maneira pela qual se forma o conhecimento na inteligência humana, enceta o prosseguimento da obra em um possível 3º livro que trataria da resolução destas temáticas; fato que não aconteceu. O próprio Agostinho explicita na sua obra *Retratações*¹⁵ que ficara incompleta a redação do *Solilóquios*:

Na mesma ocasião, escrevi também dois volumes, de acordo com o meu desejo e amor por indagar a verdade, sobre o que mais desejava saber, interrogando-me e respondendo-me, como se fôssemos duas pessoas, a razão e eu, apesar de estar sozinho. Por isso, denominei esta obra *Solilóquios*, mas ficou incompleta (AGOSTINHO, 2020, p. 16, *italico do autor*).

¹³ No dia(mono)logo do *Solilóquios* a letra R nomeia a Razão e a letra A Agostinho.

¹⁴ No 1º livro, Agostinho exalta a grandeza de Deus através de um hino laudatório, aponta a busca essencial da sua filosofia do conhecer a alma e a Deus e a conduta reta a fim de perseguir a sabedoria. Já no 2º livro exprime o desejo humano da imortalidade da alma, a conceituação do falso e verdadeiro e a condição de receptáculo da verdade exercida pela alma (Cf. OLIVEIRA Apud AGOSTINHO, 1993, p. 17-20).

¹⁵ Nessa obra, redigida em 427, Agostinho faz uma revisão de sua literatura, fazendo algumas considerações e pontuais correções de suas obras (BELMONTE Apud AGOSTINHO, 2020, p. 6).

O motivo para intitular semelhante obra é disposto por Agostinho dessa forma: “Como o colóquio se verifica só entre nós, quis chamá-lo e dar-lhe por título: ‘*Solilóquios*’ Esta palavra é nova e talvez um pouco desagradável, mas diz bem o que significa” (Op. Cit. AGOSTINHO, 1993, p.83, *italico do autor*). A obra *Solilóquios*, cujo termo não se encontra na língua portuguesa, não deságua num texto intimista e solipsista¹⁶, mas, ao contrário, se configura no diálogo consigo numa busca coesa da verdade, em que a Razão, na condição de mestra, assume, de modo simultâneo, o papel de aprendiz, a fim de repousar no encontro do Ser que se insere na interioridade de si. O Hiponense, neste dia(mono)logo da Razão consigo, reveste-se de profunda confiança do encontro da verdade, em meio ao desenvolvimento da discussão através da dinâmica pergunta e resposta: “Não há método melhor de procura da verdade, do que se proceder por perguntas e respostas” (Loc. Cit. AGOSTINHO, 1993, p.83).

Ao mesmo tempo confiante e humilde, Agostinho se apequena diante da imensidão divina assumindo uma posição humilde sendo discípulo de si mesmo com o objetivo de adentrar em seu interior e perscrutar a Deus e a alma. Somente nesta atitude desprendida do Hiponense é que se pode compreender e interiorizar a sua concepção filosófica verificada em suas obras, de modo particular no *Solilóquios*. Pois, conforme pontua Gilson, somente é possível apreender a Filosofia de Agostinho tendo em mente que para o Hiponense a Filosofia pressupõe uma atitude de humildade, de abnegação na busca da verdade e um ato de adesão irrestrita à ordem sobrenatural (Cf. GILSON, 1969, p. 313).

Sob esse viés é possível inteligir o *Solilóquios* de Agostinho como uma reflexão do desejo humano da imortalidade da alma, da conceituação do falso e verdadeiro e da investigação da alma como receptáculo da verdade.

Por ser uma consideração relevante de Agostinho sobre questões importantes no que tange o autoconhecimento e o conhecimento acerca de Deus, POUJOLAT advoga que o *Solilóquios* simboliza um monumento imortal do grande intelecto filosófico de Santo Agostinho. Em que apesar de poucas, tal diálogo filosófico basta por si só para conceder ao colocar o Hiponense entre os maiores metafísicos (Cf. POUJOLAT, 1864, p. 31).

¹⁶ Em filosofia solipsismo é ideia que acentua o valor e o caráter do subjetivismo a ponto de asseverar que só existe a pessoa e que os demais entes são tão somente ideias da própria pessoa (Cf. ABBAGNANO, 2007, p. 918).

Ademais, a obra *Solilóquios* redigida por Agostinho contém a gênese da doutrina do princípio da interioridade¹⁷, que ao lado e correlacionado com a busca da verdade, herdada da cultura filosófica de outrora, esta orientada no encontro com Deus e consigo, constitui um dos legados agostinianos para o homem medieval, moderno e hodierno.

3. A busca da verdade embasada nos princípios da lógica clássica

O limiar do *Solilóquios* traz o desejo de busca e encontro da verdade embasado na fé cristã¹⁸ e na herança filosófica clássica. Embebido desta tradição Agostinho se esteia nos princípios da lógica clássica originados no encantamento e assombramento diante do mundo e sistematizados por Aristóteles.

Por tais princípios Aristóteles concebia a possibilidade de se apreender o ser otimizado por um princípio incondicionado que assegurava o conhecimento, outrora formulado por Parmênides e reestruturado e sistematizado por Aristóteles: o princípio da não-contradição, de onde provém o princípio da identidade e o princípio do terceiro excluído.

Sob essa herança da lógica clássica, em consonância com a fé assumida, Agostinho invoca a Deus através da oração:

Deus, por quem todas as coisas em si mesmas desprovidas do 'ser'; tendem ao ser...“Deus-Verdade, em quem, de quem e por quem é verdadeiro tudo o que é verdadeiro [...] Deus-Beatitude, em quem, de quem e por quem, é feliz tudo que é feliz [...] Deus que nos introduzes em toda a verdade [...] Vem em meu auxílio, ó única substância verdadeiramente eterna, sem nenhuma discordância, nenhuma confusão, nenhuma mudança [...] Deus acima de quem fora de quem, nada existe (Op. Cit. AGOSTINHO, 1993, p. 24.25.26.27.28.29).

Na locução espiritual, o Hiponense expressa alicerçado nos princípios clássicos da lógica a existência do ser possibilitada pelo Ser, adquirindo N'Ele e por Ele identidade, pela e na qual é patente afirmar que o ser é, que o não-ser não é, e qualquer outra assertiva é excluída.

¹⁷ Princípio formulado por Agostinho que enfatiza o processo de interiorização do homem na busca de um autoconhecimento de si, iluminado pela ação divina decorrente de suas verdades, as quais impulsiona o homem a

conhecer, ainda que às apalpadelas, a Deus de modo inconcluso (Cf. Op. Cit. AGOSTINHO, 1993, p.108).

¹⁸ Na oração composta por Agostinho no início dos *Solilóquios* ocorrem as citações das seguintes passagens bíblicas: I Cor 15,54; Mt 7,8; Jo 6,34; Jo 16,8; Gl 4,9. Indicando a fé cristã na condição de fundamento da busca da verdade proposta em seus *Solilóquios*.

O Ser¹⁹ eterno e imutável concede estabilidade ao ser que, ao declinar na íntima, substancial e reconfortante busca da verdade, tende a intentar a perfeição e a plenificação de si no vislumbrar no Ser em Quem e por Quem sua busca de respostas às suas indagações desemboca e adquire significado.

O anseio pelo encontro de significado na busca da verdade, no esteio da fé e auxílio do legado filosófico, faz o Hiponense, no segundo capítulo, intitulado *Meta da Filosofia do primeiro livro*, exprimir por meio do dia(mono)logo consigo e a Razão, o cerne da oração elevada a Deus: “Desejo conhecer a Deus e a alma” (Op. Cit. AGOSTINHO, 1993, p.33).

A finalidade da Filosofia em Agostinho através do uso dos elementos pertinazes a ela se configura na busca da verdade, do Ser, perpassada pelo conhecimento de si, no qual o conhecer a Deus é o fim mediado pelo conhecimento da alma. Este necessário itinerário impulsiona Agostinho ao descobrimento de si, a interiorizar-se, a ver e rever a identidade impregnada em si, a vencer as contradições presentes em si, a excluir de si posicionamentos terceiros provenientes da dissociação da sua vida marcada por atalhos tortuosos com a fé aderida; para que, num processo de interiorização, adentre ao seu âmago, a fim de vislumbrar o Ser.

Nessa esteira, no capítulo *Condições morais para chegar à visão de Deus*, do primeiro livro do *Solilóquios*, a Razão assevera o seguinte ao Hiponense: “a Razão que contigo fala, promete manifestar Deus à tua inteligência, como o sol se manifesta a teus olhos. Pois a inteligência possui também os seus olhos, que são os sentidos da alma...é o próprio Deus o sol que a tudo banha com tua luz” (Op. Cit. AGOSTINHO, 1993, p. 41).

De forma similar, porém, numa amplitude incomensuravelmente superior, a Razão, companheira do diá(mono)logo, aponta o Ser na condição de sol, o qual desvencilha-o da obscuridade da ignorância, iluminando-o e apresentando-o à realidade. Deste modo, no *Solilóquios* de Agostinho, o Ser ilumina de modo holístico a pessoa e lhe indica a verdade que reside em si.

A iluminação divina, elucidada com o exemplo do sol que ilumina a face da terra, enfatiza a necessidade da interioridade na condição de meio, a fim de prosseguir no itinerário da busca da verdade, do Ser. Podendo legar ao homem a plenificação de si interligado à satisfação do encontro com a verdade.

¹⁹ Termo utilizado para fazer menção a Deus.

Somente sob a luz do sol divino é que o conhecimento da verdade é atingível ao homem, sendo a ele desvelada a verdade eterna e imutável, impregnada no recôndito humano na condição de tesouro inestimável, descoberto no ato de ir ao encontro de si no âmago mais pessoal e nele irradiado na luz do sol: “a verdade não pode ser entendida a não ser que receba a irradiação de outro sol que lhe é próprio” (Op. Cit. AGOSTINHO, 1993, p. 45).

A luminosidade, vinda ao encontro das pálpebras da alma, traz consigo a verificação da certeza absoluta e imutável da precedência e preponderância das virtudes em relação aos atos virtuosos, evidenciada por Agostinho, na conclusão do primeiro livro, ao falar sobre a virtude da temperança internalizada na castidade e externa no homem casto, visa exprimir a verdade implícita no verdadeiro, indicando, destarte, o princípio de identidade: “não é o casto que faz a castidade, mas é pela castidade que alguém é casto. Assim também, se uma coisa é verdadeira, é naturalmente graças à verdade que ela assim é” (Op. Cit. AGOSTINHO, 1993, p. 61).

É a participação na verdade, no que é imutável, é o que ser é e não se contradiz. Tal assertiva é posta na conclusão do primeiro livro de *Solilóquios* na parte intitulada *a verdade é imortal*, onde é perceptível o uso do princípio da não-contradição “tudo que é falso não é. Ora, tudo que não é verdadeiro é falso. Logo, nada pode ser dito na verdade que é salvo o que é imortal” (Op. Cit. AGOSTINHO, 1993, p.63). Nessa constatação Agostinho reafirma Deus na condição de Ser por excelência imutável, ao mesmo tempo em que reafirma seu ideal de autoconhecimento e de Conhecê-lo: “Ó Deus, que és sempre o mesmo, faz que me conheça e que te conheça” (Op. Cit. AGOSTINHO, 1993, p. 65).

Principiando a redação do segundo livro de *Solilóquios*, no primeiro capítulo denominado *Aspiração pela imortalidade, a Razão*, após a exposição da meta de Agostinho, indica ao Hiponense a certeza irrefutável de que sabe que existe, vive e entende²⁰: “R: Tu que desejas conhecer sabes que existes? A:Eu o sei. R: Onde sabes? A: Eu o ignoro. R: Sabes se és um ser simples ou composto? A: Ignoro. R: Sabes se estás posto em movimento? [...] A: Ignoro. R: Sabes se pensas? A: Sim, sei. R: Então é verdade que pensas? A: Por certo” (Op. Cit. AGOSTINHO, 1993, p. 67).

²⁰ Certezas estas que Agostinho já apresenta no diálogo anterior *A Vida Feliz* no diálogo de Agostinho com Navió: “Sabes, pelo menos que vives? Isso eu sei. Sabes, portanto que tens vida, visto que ninguém pode viver a não ser que tenha vida? Isso também sei. Sabes, igualmente, que possuis um corpo? Ele concordou. Sabes, então, que constas de corpo e vida? Sim, todavia tenho dúvidas se não existe alguma coisa a mais do que isso. Assim, não duvidas destes dois pontos: possuis um corpo e uma alma. Mas estás em dúvida se não existe outra coisa que seria para o homem um complemento de perfeição. É isso, concordou ele” (AGOSTINHO, 1998, p. 124-125).

Após isso, no capítulo segundo nominado *A verdade é imperecível*, Agostinho aponta de que somente em Deus é possível a existência do verdadeiro, do conhecimento do ser. “Ora que te parece? É possível que exista alguma coisa verdadeira, se a verdade não existe? A: De modo algum” (Op. Cit. AGOSTINHO, 1993, p. 68).

A existência da verdade implica no posicionamento de afirmar ou não a veracidade, o que é e o que não é o ser, a evitar uma conceituação intermediária, que, incluída na exclusão da assertiva, delinea o princípio de terceiro-excluído, que se verifica no capítulo 3 intitulado *Tentativa de prova apoiada nos erros dos sentidos*, do segundo livro de *Solilóquios* na resposta de Agostinho a cerca de uma hipótese indicada de uma posição média entre a veracidade da árvore aparentar ser muro a alguém e o muro se assemelhar-se a uma árvore a outrem: “R: E se esse muro aparecesse sob a aparência de árvore e a ti sob a aparência de muro, essas duplas representações poderiam ser verdadeiras? A: De modo algum. Pois uma só e mesma coisa não pode ao mesmo tempo ser árvore e muro” (Op. Cit. AGOSTINHO, 1993, p. 70).

A Razão, no prosseguimento do dia(mono)logo acerca da aparência e da realidade, apontará ao Hiponense que o erro em afirmar a realidade naquilo que é simples aparência não reside nos sentidos: “R: Em resumo, pois, pode-se convir que enganar-se é tomar as falsas aparências como por coisas verdadeiras, e não o fato de as ver” (Loc. Cit. AGOSTINHO, 1993, p. 70).

O equívoco, destarte, para Agostinho resulta na tomada afirmativa de corroborar aparência com a realidade devido a precipitação em conceituar aquilo que parece tal como se fosse de fato o que se apresenta, sendo que o erro não provem dos sentidos e sim da atitude trôpega e imediatista de conceituar aquilo que se apresenta como tal, sem uma detida e necessária reflexão.

Na conclusão do primeiro livro de *Solilóquios* no capítulo quinze, no subtítulo *A verdade é imortal*, a Razão define o falso a Agostinho “tudo que é falso não é. Ora tudo que não é verdadeiro é falso” (Loc. Cit. AGOSTINHO, 1993, p. 63). Pela importância de tal conceituação, na segunda parte dedicada ao falso e verdadeiro do segundo livro de *Solilóquios*, mais especificamente no capítulo cinco *O falso e o verdadeiro*, a Razão novamente reafirma sua ponderação sobre a diferença entre o verdadeiro e o falso: “A: o verdadeiro é o que é...R: Logo não haverá nada de falso, porque tudo que é, é verdadeiro” (Op. Cit. AGOSTINHO, 1993, p. 77). Isto faz uma clara referência ao Ser, por meio do Qual tudo adquire a existência. Por isso, a verdade dá consistência a todas as coisas, as quais possuindo a existência são e não podem não-ser ao mesmo tempo que são. Por isso,

perante tal importância, Storck pontua que o primeiro princípio não estaria circunscrito tão somente ao âmbito lógico, senão abrangeria “toda argumentação, seja metafísica, matemática ou física” (Op. Cit. STORCK, 2010, p. 187), pois consistiria não em “uma tese, mas sim um axioma” (Loc. Cit. STORCK, 2010, p. 187).

A conceituação de Agostinho sobre o verdadeiro e a ratificação deste posicionamento pela Razão e a definição do falso por ela, utilizando os princípios clássicos da lógica de identidade e da não-contradição, sublinham a significação e a importância dos princípios da lógica clássica na busca da verdade empreendida pelo Hiponense. O qual é convidado pela Razão a adentrar em seu íntimo na confiança de se deparar com ela no seu âmago: “Já é tempo de teres confiança em teus próprios argumentos. Confia na verdade! Ela clama que habita em ti e é imortal. E não importa que morte corporal pode-lhe retirar a sua morada! Afasta-te, pois, do que é a tua própria sombra. Entra em ti mesmo” (Op. Cit. AGOSTINHO, 1993, p. 108).

A interiorização em Agostinho, orquestrada na dinâmica de horizontalidade e verticalidade, leva-o ao autoconhecimento e ao encontro com a verdade que tanto desejava contemplar.

Considerações finais

O desejo, impregnado no coração do homem, de busca da verdade foi presente na vida, pensamento e obra de Agostinho. Impulsionado por esse ideal, conciliou a fé e a razão, norteando o desejo do encontro com a verdade na fé nascente e crescente em seu coração por meio do contributo de uma das heranças da filosofia clássica: os princípios da lógica clássica: o princípio de identidade, princípio da não-contradição e o princípio do terceiro excluído.

Legando à posteridade um sistema filosófico integrado e em consonância com a fé advogada por ele e respaldada por essa mesma concepção filosófica, amparada pela herança filosófica clássica sintetizada nos princípios clássicos da lógica.

Por meio desta interação, em sua caminhada existencial e intelectual, o Hiponense adentrou em si e se inclinou, repousando na verdade que estava no seu âmago, numa dinâmica ascendente e descendente de seu interior à verdade e desta para o seu íntimo.

Tal trajetória fez Agostinho se encontrar e se descobrir de forma gradativa, penetrando pouco a pouco em seu íntimo, reorientando e reformulando seu pensamento e sua vida; além de encetar em seu coração o anseio de declinar sobre a verdade buscada,

na qual e pela qual empenhou todos os esforços no sentido de resplandecê-la aos demais, porque a contemplação de si e da verdade, ao realizar o redescobrimto existencial do Hiponense e o seu repouso na verdade à luz da plenificação vivencial, não o conduziu a uma introversão exacerbada, ao contrário, o impeliu para comunicar a possibilidade do encontro pessoal com suas mazelas e potencialidades, a fim de conformar a vida na verdade buscada sob a iteratividade integrativa da doutrina católica com o contributo da elaboração filosófica clássica.

O itinerário realizado por Agostinho na busca da verdade desemboca no salutar conhecimento de si e encontro com Deus, a verdade, subsidiado pela presença dos princípios da lógica clássica - princípio de identidade, princípio da não-contradição e princípio do terceiro excluído-. Destarte, realça o profícuo legado do pensamento filosófico grego, além de indicar a pertinência e a racionalidade da fé cristã num contexto fronteiriço entre a Antiguidade e o Medievo.

Referências

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AGOSTINHO. *Confissões; O mestre*. Tradução de Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2002.

_____. *Contra acadêmicos; A ordem; A grandeza da alma; O mestre*. Tradução Agostinho Belmonte. Paulo: Paulus, 2008.

_____. *O livre arbítrio*. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulinas, 1995.

_____. *Retratações*. Tradução de Augustinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2020.

_____. *Solilóquios*. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulinas, 1993.

_____. *Solilóquios; Vida feliz*. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulinas, 1998.

BROWN, P. *Santo Agostinho: Uma biografia*. Tradução de Vera Ribeiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

FRAILE, G. *Historia de la Filosofia I Grecia y Roma*. 2ª ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1965.

_____. *Historia de La Filosofia II El Judaísmo y la Filosofia. El Cristianismo y La Filosofia. El Islam y La Filosofia*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1960.

GILSON, É. *A filosofia na Idade Média*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. *Introduction a l' étude de Saint Augustin*. Paris: Vrin, 1969.

LE GOFF, J. *As raízes medievais da Europa*. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2007.

MATTHEWS, G. B. *Santo Agostinho: A vida e as ideias de um filósofo adiante de seu tempo*. Tradução Álvaro Cabral: Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MORTARI, C. A. *Introdução à lógica*. São Paulo: UNESP, 2001.

- POUJOLAT, M.; RAUEX, M. L' A. *Histoire de Saint Augustin*. In: AUGUSTÍN, Saint. *Oeuvres Complètes de Sain Augustín: Histoire de Saint Augustin; Rétractations; Confessions; Lettres : première série*. Tome premier. Traducción de M. Poujoulat e de M. L' Abbé Rauex. Paris: Bar-Le-Duc, L. Guérin & C^e Éditeurs, 1864.
- REZENDE, A. (organizador). *Curso de filosofia para professores dos cursos de segundo grau e de graduação*. 12 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- STORCK, A. *Não-contradição ou terceiro excluído? Avicena e o princípio da metafísica*. In: *Revista dois pontos: Necessidade e contingência na Filosofia Medieval*. Luiz Damon Santos Moutinho e Alfredo Storck (organizadores). Curitiba/São Carlos Volume 7 número 3, p. 171-205, abril de 2010.
- STUMP, Eleonore; KRETZMANN, Norman (organizadores). *Cambridge company to Augustine*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

Recebido em: 26/07/2021

Aprovado em: 30/09/2021